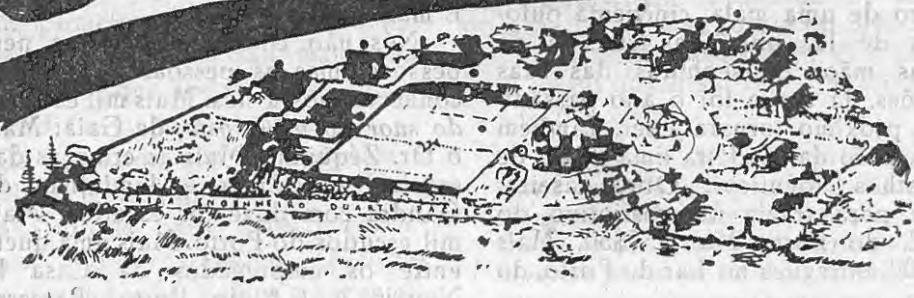




Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VI—N.º 153
PREÇO 1\$00

AQUI, LISBOA!

Um dos nossos *batatas*—o bate-chapa—de cinco anos de idade e muitos meses de cadeia, veio agora fazer-me um pedido muito importante: se eu o levava ao Seminário visitar o Sr. Engenheiro. Queria vê-lo.

Ele não sabe o que é o Seminário, mas sabe quem é o Sr. Engenheiro. É um grande amigo. Bate-chapa gostava muito dele, daí as saudades que sente. Os outros Rapazes trazem-no também no coração. O maior prémio que podia dar a qualquer, era proporcionar-lhe uma visita ao Sr. Engenheiro.

E bem merece ele o carinho de todos os gaiatos. Foi por amor do Lixo que o Sr. Engenheiro deixou os seus cálculos, os seus planos, e um futuro que podia ser risonho, para vir trabalhar na *Obra*.

Este primeiro passo, já a muitos pareceu loucura; maior loucura pareceu a muitos outros o segundo: trocar a Engenharia pelo Sacerdócio.

E que havia o mundo de pensar dos que lhe voltam as costas? Já assim foi no tribunal de Herodes...

Mas deixemos o mundo falar; ouçam agora o que em carta (que, por ser luz, se põe nas alturas de candelabro,) lhe diz a mãe: «quanto a mim nunca tive aspiração maior, por quanto o nosso filho não deixou de ser o herdeiro e amanhã terá dúzias de filhos a sustentá-lo, não é assim filho?»

«Sómente me não cabe no peito tanta glória e não percebo como Nosso Senhor me fez tua mãe.

«O mundo em massa não te compreenderá, alcunhar-te-ão de louco e sei lá que mais!

«Mas sempre assim foi e, por isso, coração ao alto! Há-de sofrer muito sim, e eu contigo porque, se me deixares eu viverei contigo toda a tua vida até que Deus me conserte a minha, mas não terás tu que sofrer em qualquer caminho? Já se vê. As lágrimas que já chorei e que hei-de chorar, é só a carne a sangrar, pois a alma está em perene acção de graças. Eu queria ter a certeza que terminara a tua luta e que tinhas encontrado enfim o verdadeiro caminho e, com ele, a paz que desejas e mereces e, então

talvez as lágrimas se me secassem!

«Serás, serás sempre um insatisfeito na ânsia de mais e melhor, mas não queiras—filho—com os pés na terra attingir o céu. Contenta-te e dá Graças a Deus por tudo que fizeres que é Ele que faz em ti e se não fôr o mais, é porque Ele não quer e se contenta com isso mesmo. Não me excludas nunca da tua vida.

«Eu julgo que te será sempre permitido amar e comunicar com tua mãe, ter e retribuir o amor de seu filho».

Foi, de facto, aquela *ância de mais e melhor* que o levou ao Seminário.

A *Obra*, que tudo merece, esperava da Providência este e outros servidores, mas a *Obra* já se contentava que ele pusesse ao serviço dos pobres o seu coração, inteligência e cultura. Isso já ele fazia durante o curso liceal nos bairros de Lisboa, durante o curso universitário nos bairros do Porto, e aqui desde a partida do P.º Américo para o Brasil—mas a *Obra* é acima de tudo, um Santuário de Almas, almas feitas à ima-

gem e semelhança de Deus, por isso, ele quis conhecer melhor a Deus, fazer-se seu ministro, para mais e melhor servir os nossos irmãos. Que Deus o ajude.

Esta notícia que tão depressa se espalhou por quantos o conheciam, vai agora encher de alvoroço quantos amam a *Obra* da Rua. Que se desiludam aqueles que esperam o desaparecimento do P.º Américo para tratarem das exéquias da *Obra*, e façam antes um acto de fé na protecção divina que paira sobre nós.

P.º Adriano

P. S.—Aqui Paço de Sousa, aonde chegou o texto da carta de uma Mãe cristã a seu filho.

Que ninguém bula em nada do que lá vem! Que as almas se alegrem por cada letra de cada palavra e façam um acto de fé na Presença Real de Deus!

O filho engenheiro, acabado o seu curso, apresentou-se a pedir uma alcunha de louco à Igreja, tendo entrado pela porta do Seminário dos Olivais.

Glória à Igreja. Glória à Igreja de Cristo, que só Ela, entre os homens, tem o poder de saciar certos famintos e dar-lhes estes diplomas.

Esta criança levanta-se todos as manhãs, vai á cozinha por uma garrafa de leite e segue portas fora, levá-lo à sua pobre. Ali, ferve-o, ageita-lhe a cama, vai á fonte por um cântaro de água, varre-lhe a casa e regressa.

Quanto não deve o mundo material a este Mundo de Beleza—quanto?

É o Xancaxé; o Rogério. O pai dele, é e continuará a ser um triste incógnito. O filho não. O filho é conhecido. Conhece-o e chora todos os dias pela hora dele, uma pobre desta freguesia, a quem o pequeno abandonado vai levar carícias, préstimo e uma garrafa de leite.

O Engeitado!



Nota da Quinzena

Não sei se os senhores deram fé de alguém que vai na procissão, a queixar-se de que as ofertas para a nossa tipografia, estão diminuindo a olhos vistos; e esse alguém, com pena do que acontece, puxa por si e torna a dar uma porção de dinheiro.

Eu, porém, estou perfeitamente tranquilo. Sou testemunha do facto, mas não tenho medo. Passo muito do meu tempo nas oficinas e noto tudo no seu lugar. Em cima, na composição, temos o Corre de Paredes, o Valet do Barredo, o Fozcôa de Fozcôa, o Pintaroxa do Barredo, o Prêta do Barredo, o Luís da Granja.

No escritório, temos o Julio de Elvas e Manuel Pinto de Penafiel. Ao pé, na redacção do jornal, temos o Cid de Tomar e o Alfredo do Porto e o Avelino de Coimbra. Em baixo, na impressão, temos o Jacinto da Guarda e temos o Zé da Lenha do Barredo e temos o Barros de Paços de Ferreira.

As máquinas trabalham. Os rapazes encontram-se felizes e andam todos muito contentes. O nervo da tipografia está precisamente nisto.

Eu vejo tudo no seu lugar. Não é declínio. Não é erro. Está tudo muito certo.

O povo também está no seu lugar. Os assinantes, e os que têm por empréstimo, e os que ouvem falar, e os que discutem—todos estes estão no seu lugar.

Nós somos todos assim. A medida do entusiasmo enche-se muito depressa. Só os apaixonados é que são capazes de persistir; e persistem. Isto não é dizer mal nem falar em desabono de ninguém; é unicamente pôr no papel o que a experiência e a história nos ensinam. Podemos pois estar certos de que este caminhar vagaroso, significa que a precissão vai andar muito tempo na rua, mas há-de chegar ao seu termo.

Eu sei como tudo se liquidaria num instante. Sei sim senhor. Era recorrer ao capital. Não faltariam imediatamente *homens bons* com muita pena das crianças dos caminhos, prontos a dispor de grandes somas de dinheiro e até de aumentar e aperfeiçoar o nosso maquinismo... A história e a experiência também nos ensinam estas coisas tristes. O egoísmo é uma das muitas doenças incuráveis que assolam a humanidade.

Do que nós necessitamos

Esteve aqui há dias uma senhora inglesa, casada com um cavalheiro português. Trazia os seus filhos e dentro de uma mala, cinquenta puloveres de lã, obra das suas e de outras mãos de senhoras das suas relações. Já assim foi o ano passado e no próximo tornará a ser. Também de S. João da Madeira uma dúzia de agasalhos idênticos. Obra caseira. Cada peça trazia um distintivo do F. C. do Porto. Mais 35\$50. Mais 500\$00 entregues no Lar do Porto, do Porto.

Mais de Coimbra duas latas de bolachas. Mais este cartão do Porto:

Antes que a crise que atravesso presentemente se agrave e me tire a coragem precisa para cumprir o meu dever, aí vai o meu presente ao Menino Jesus.

Que Ele no aceite e o transforme em sorrisos de crianças.

Era um vale de mil escudos. Caminho singular de fugir à crise! Mais de Lisboa 250 tubos de Nescau. Mais 50\$00 de Anta. Mais 100\$00 do Porto. Mais de Castanheira de Pera doze camisas de flanela. Que geitão! Mais mil escudos do Zé Manuel do Porto. Mais três mil escudos de um furrriel de Macau. Mais roupas de Viseu. Mais roupas de Setúbal. Mais 50\$00 de Lisboa. Mais mil escudos do Rio de Janeiro. Mais 50\$00 de Lisboa e dentro da mesma carta outros 50\$00 de alguém que ouviu ler o Gaiato e ficou comovido. Mais roupas da Figueira da Foz. Mais dois cortes de blusa. Mais uma caixa de vinho do Porto de Manuel Pôças. Mais roupas de Leiria. Mais uma peça de fazenda da Covilhã! O' riqueza! Se entre tantos fabricantes que ali existem houvesse outro que se lembrasse de nós! Mais duas peças de flanela do Porto. Mais o Orfeão do Porto que nos veio visitar e deixou uma carapuçada de notas. Mais 20\$00 de Lisboa. Mais 200\$00 de Lourenço Marques. Mais 50\$00 de I. M. A. Mais o mealheiro de uma menina de sete anos. Mais 50\$00 de Valongo. Mais outro tanto de Lisboa. Mais roupas de Vila do Conde. Mais 80\$00 de Lisboa. Mais 100\$00 do Porto. Mais o mesmo. Mais o Dr. Zéquinha. Mais uma data de trabalhadores do Porto que se juntaram e vieram-nos visitar e deixaram 402\$50. Mais 200\$00 de Fonte da Moura. Mais 40\$00 de um boxeur do Porto. Mais metade do Porto. Mais o mesmo de Lisboa. Mais sessenta de um despachante oficial da Alfândega de Lisboa. Mais cem de Delães. Mais um par de sapatos de Lourenço Marques. Semanas depois, outro par de sapatos de Lourenço Marques. Se os habitantes daquela cidade dão em aprender o caminho das nossas casas, muito se há-de ler nas colunas do Jornal! Do que fomos buscar ontem ao depósito no Porto, isso nem é bom falar; Teríamos de ocupar todo o espaço do Famoso!!

Mais quinhentos de um anónimo do Brasil. Mais cinquenta cobertores de algodão. Mais setenta e duas camisolas. Mais duas peças de pano cru. Os senhores não se admirem do muito que recebemos; considerem antes o muito de que precisamos. Mais da Covilhã cinquenta escudos. Mais cinquenta de Uma mulher. Mais cinquenta escudos de S. João da Madeira. Mais 260\$00 escudos do Colégio da Mealhada; Director e alunos. Mais um donativo da Escola Primária de Niza; assinam trinta e seis rapazes. Mais de outra escola Primária Feminina, prof.^a e alunos duas notas de cem e uma grande carapuçada de moedas pequeninas dadas pelas raparigas da escola. Mais

roupas e calçado de Tabuaço. Mais roupas de Lisboa. Mais de Tortozendo. Mais da Covilhã. Mais de Moura. E mais e mais e mais.

Nós não conhecemos terras nem pessoas, mas as pessoas e as terras conhecem-nos a nós. Mais mil escudos do suor do meu rosto, de Gaia. Mais o Dr. Zéquinha. Mais as crianças das escolas masculinas e femininas de Gandra com duzentos escudos. Mais mil escudos do Porto. Mais uma queete entre os empregados da Casa F. Novais e C.^a do Porto. Parecem migalhas e não são; é pão de primeira. Mais o Bonifácio que ao regressar da venda me entregou um subscrito e eu abro e dou com duas notas de quinhentos. Assim se entrega dinheiro. Assim se restaura a confiança. Assim se ama o Lixo. Mais eu, que descia ontem a rua Sá da Bandeira e eram tantos a dar-me, que se diria estarem à minha espera. Notas de vinte. Notas de cem. Notas de mil. Moedas de prata.

Eu não conhecia ninguém e de muitos deles nem sequer tinha ocasião de ver o rosto! Quem diz para aí que os homens são maus—quem? Eles todos querem amar. Querem amar os que procuram o bafo de Mãe. Não era a mim que davam: eram a estes. E mais nada.



Crónica da Nossa Aldeia

O nosso natal foi simplesmente admirável. Não podia ser melhor. Nesse dia nem houve merenda, para nos fazer crescer o apetite. O nosso terço também foi mais cedo, e de maneira que às sete e meia, estávamos em frente de um grande prato de batatas com bacalhau, e uma enfusa de vinho, para cada mesa. Acabadas as batatas com bacalhau, foram rabanadas, filhóses, e goiabada do Brasil. Em seguida veio vinho do Porto, e depois por cima, um cigarro para os maiores.

Finalmente veio uma chícara de café do Brasil que nós a tomamos com muito gosto.

E para acabar a festa choveram os vivas e as palmas.

Depois fomos ver cinema no nosso salão. Nos intervalos alguns dos nossos rapazes representaram pequenos números.

A meia noite chegou, e fomos à Missa do Galo. Tomaram parte à comunhão alguns dos nossos rapazes. E assim terminou o dia de sábado.

Chegou o domingo, e começamos a comer à uma hora. A sopa era muito boa. O segundo prato foi arroz com galinha.

De véspera tinham-se matado dez patos, dois galos, e três galinhas, e um peru, mas este nós só o cheiramos, e quando ele passou numa travessa a caminho da mesa dos senhores, a malta fez uma grande festa.

Vieram outra vez rabanadas, filhóses, e goiabada. Depois vinho do Porto. E ainda espumantes que ao abrir deitavam muita espuma.

Choveram mais vivas e palmas. Os cozinheiros que pelo muito que fizeram tiveram vivas e por fim uma garrafa de espumante e ao ser-lhes entregue esta, choveram mais palmas e vivas. E assim terminaram os dias 24 e 25.

De presente de natal recebemos mais de duzentos brinquedos. Coube um a cada rapaz. Os mais pequenos estão muito contentes.

O cronista—ALFREDO

O que nos dão no Tojal

Estamos a quinze dias do Natal. Foi o exército quem primeiro anunciou a boa-nova. A Manutenção Militar acertou muito bem no valor com quarenta quilos de massa e vinte de bolacha.

Um oficial que assistia à entrega, fez também pontaria pessoal com um saco de flor de farinha para as filhós.

Outro oficial remeteu para os nossos batatas uma caixa de brinquedos do seu filho, com canhões, tanques, soldados de chumbo—um exército. A Câmara M. de Loures, também presidida por um oficial tem estado presente com vários donativos de carne, às vezes em tanta quantidade que dá para nós e para muitos pobres das redondezas. E' uma alegria quando os Rapazes saem a fazer a distribuição.

A Câmara M. de Lisboa igualmente presidida por um oficial, quebrou o silêncio com quatro mil escudos. E' contributo para a limpeza do lixo das Ruas que começamos a fazer.

Um senhor que costuma desobrigar-se em Janeiro, não esperou, desta vez, pelo princípio do Ano e fê-lo já, numa garagem em Lisboa, com 500\$00.

A Vacuum e Produtos Lácteos continuam a perseverar no entusiasmo da primeira hora. O Director da Companhia de Seguros Aliança, um dos Amigos da Obra há pouco reunidos no S. N. I. bradou às armas chamando por outras companhias. A Ultramarina deu logo sinal e bradou a outras e vamos ter as portas abertas aos nossos vendedores. O Entroncamento que foi o primeiro a entrar esgotou a remessa em poucos minutos.

A iniciativa do mesmo senhor, de trazer para cá livros, cadernos, revistas, jornais velhos inutilmente arquivados em prateleiras ocupando assim espaço precioso,—vai ganhando vulto. Dentro em pouco temos cá umas toneladas de papel para trocar por papel novo. A Fábrica de Papel da Abilheira—Tojal—está aqui a dois passos. Sente-se o ruído das máquinas.

O Montepio mandou recado para levantarmos uma dezena de embrulhos, com fatos usados, revistus e remédios.

Cá estão com mais uma lista de assinaturas pagas. Ali foram também entrar na procissão da Nossa Tipografia, M. A. S. com 300\$00 em moedas de 10\$00 do mealheiro dos netinhos, mais cinco ferroviários com as duas últimas prestações e uma senhora com a sua cota toda.

Aqui no Tojal, para o mesmo piedoso fim, inscreveram-se a valer por dois, uma senhora com seu filho, e um desconhecido com meia ração. Outros vêm por carta.

Muitos visitantes apesar da chuva e do frio continuam a vir. Alguns porque são doentes ou porque têm doenças em casa, vêm aqui cumprir promessas feitas em horas de aflicção. Têm razão: é nos Santuários que Deus melhor ouve as nossas súplicas. Isto é um Santuário.

Uma senhora veio assim de muitas milhas de distância entregar a sua aliança de casamento que representa 26 anos de honestidade. Nesta ordem de ideias, vieram mais abafos, e 100\$00 para o pão de hoje e 25\$00 duma promessa mensal.

Uma padaria de Lisboa, de tempos a tempos, manda recado para

levantarmos pão e doces. Mais 1.500\$00 duma promessa.

Mais 100\$00 e 20\$00 e 200\$00 mensais, e retalhos de flanela e cotim (que tão precisos são) e calçado para os batatas e brinquedos. E' uma senhora sem filhos, mãe de muitos infelizes. Não há quase domingo nenhum que ela não venha cá com novos donativos. As outras casas de Caridade de Lisboa conhecem-na bem.

Graças a Deus que aquelas mulheres que passam o tempo nos cafés do Rossio inúteis como figueiras estereis, penduradas numa boquilha a fumegar, não são norma das senhoras da capital.

Nesta crónica vêm já mencionadas algumas que são dignas continuadoras das virtudes da Rainha Santa, D.^a Leonor e Filipa de Lencastre.

P.^o ADRIANO.



Crónica do Lar do Porto

Eu sou do Lar do Porto, estou empregado no Porto, mas sempre que possa, estou batidinho em Paço de Sousa. Gosto mais de lá, o ar é mais puro, as árvores em mais quantidade e os pássaros com mais alegria, cantam esvoaçando de lado para lado.

Não sou só eu que quero ir a Paço de Sousa; quando o chefe ao sábado, depois da ceia, pergunta quem quer ir a Paço de Sousa, quase todos se levantam e respondem: quero eu.

Portanto, não é de admirar que no dia do Natal eu estivesse em Paço de Sousa, a participar da alegria que reinava na nossa aldeia, esquecendo por completo a turbulenta cidade do Porto. No sábado, depois do meio dia, ninguém trabalhou, começando-se a ouvir comentários dos mais pequenos, em que um dizia para outro: é pá logo é que vai ser, vamos comer rabanadas com batatas e bacalhau. A alegria espalha-se cada vez mais pela aldeia e a hora desejada chega: são as sete horas. Antes, quatro dos maiores, tinham andado a servir o vinho, para depois em seguida servirem o almejado prato com batatas, bacalhau e couves; mas ai que pratos! Era cada um que parecia a torre dos clérigos. A's sete horas, a porta do refeitório abre-se e aparecem dezenas de cabeças a espreitar, enquanto alguns já saltam de alegria, e dizem para os outros: é pá que pratada eu tenho.

Realmente seria aquele o momento de alegria, mas também ocasião daqueles que já compreendem as coisas, pensarmos um pouco e lembrar-nos das nossas famílias e dos nossos irmãos, que naquele momento quem sabe?... estariam chorando nalguma valeta e que nem sequer se lembrariam que neste dia era a Festa do Natal. Sim, era este o momento em que nós nos sentávamos à mesa e na nossa frente tínhamos um prato cheio de batatas com bacalhau e noutro mais pequeno rabanadas, filhóses, marmelada e linguas de gato.

A's sete horas começamos a refeição e todos nós nos sentíamos felizes, não nos faltava nada. Esta prolongou-se até às nove horas no meio de uma alegria infernal. Acabada a ceia, fomos para o salão de recreios, onde até à meia noite tivemos cinema e teatro, tendo sido os principais artistas: o General, o Valeta, o Corre e o

A nossa Tipografia

E o Porto. E' um senhor que tomava café na Brasileira e ali mesmo se desobrigou, a um dos vendedores. E meia ração. E uma do Porto; é Uma que dentro em breve espera trazer a mãe e irmã também. Sim senhor. Têm muito lugar. E o Porto:

Hoje como ontem, não é sem dificuldade que posso dispor de 100\$00 para enfileirar na Procissão da Tipografia. Todavia, como tenho agora mais um filho de 15 dias apenas, mas como já no mês corrente tem direito a Abono de Família, com esse e mais uns pósinhos da minha algibeira, aqui lhe remeto a citada quantia.

E um casal feliz a dizer assim:

Prometina minha última prestação da tipografia voltar de novo a enfileirar porque é com grande máguia que vejo diminuir de quinquena a quinquena mais tenho fé que como nós, outros virão de novo enfileirar, para que a procissão recolha, e volte a sair, mas com outro itinerário...

E 50\$00 do primeiro ordenado do meu filho. Grande concurso! Espantosas dádivas!

E agora peço aos senhores leitores o obséquio, de tomarem nota deste singelo relato e digam-me se ele não é necessário que a procissão ande muito tempo fora, para que nossos olhos possam contemplar a beleza do espírito e por ela se ganhe gosto à vida.

Resolvi não fumar desde Santo António até ao Natal, para apurar os duzentos, e aqui vai o fruto da minha abstenção. Em vez de cinza e fumo, como vê, são duas notas para ajudarem a acender o luzeiro dos mágicos caracteres de Gutenberg.

Desculpe o anónimo, para que só Deus seja testemunha do que faço.

A mão escondida! O silêncio! Regra do bem-fazer. E o Porto; são dois noivos,—que gostariam assim de entrar na ala dos namorados.

Cinfães, estando ao piano o Sejaquim. A meia noite tocou a sineta para a missa do galo e a nossa aldeia entrou no silêncio; a missa foi cantada sendo celebrada pelo nosso Pai Américo.

Quando acabou a missa era uma hora da noite, tendo todos recolhido às suas casas, onde nos esperava uma cama com dois lençóis e cobertores suficientes para não termos frio.

No dia seguinte, dia de Natal só nos levantamos às oito horas, indo em seguida tomar café com leite.

Ao meio dia houve outra vez festa. No sábado os cozinheiros tinham morto dez patos, cinco galinhas e dois perus. Por isso ao meio dia houve canja e arroz com um pedaço de carne, havendo para a sobremesa, rabanadas, filhóses, vinho do Porto, vinho espumante e café. Se há dias na nossa vida que nunca mais esquecermos, estes serão para nós dois desses dias inesquecíveis.

Muito devemos nós à Obra da Rua e aos seus Benfeitores. Como pagar essa dívida? Esforçando-nos de dia para dia por esquecermos a rua, e olharmos firmes para o futuro que desponta à nossa frente. Esta será a melhor paga que nós poderemos dar.

A festa do Natal terminou no domingo à noite, depois de uma sessão de cinema dada pelo nosso chefe da redacção do jornal, o Senhor Avelino...

No dia seguinte embarquei de novo para a Invicta, de onde recordei com saudades a Festa do Natal em Paço de Sousa.

Sim. Dizem bem dois namorados na fileira dos Apaixonados. Ninguém aqui destoa. Um só pensar. Um só querer. A mesma fé. O mesmo baptismo. Um só Deus e Pai de todos. Ó cortejo; quanto te não amo eu! E Braga. E estas palavras do Porto:

Funcionários da União de Grémios de Lojistas do Porto, e alguns amigos dessa «Grande Obra», inspirados pelo mesmo pensamento de compreensão e de amor ao próximo, contribuíram com as importâncias indicadas na relação que juntamos para control e conhecimento.

E' um coro de vinte e cinco vozes alguns com 2\$50; são os que dão mais! E mais um; dívida que quero pagar. E Marinha das Ondas. E Tondela. E Vila Nova de Ourém. E Leiria. E um *Eis* do Porto. E um pai de oito filhos de Lisboa. E o assinante 6141 do Porto. A sua pergunta, digo que tudo quanto diz respeito a encomendas de serviços e escolha de tipos e o mais, deve ser procurado aqui em Paço de Sousa, Telefone cinco de Cete. No Lar do Porto não. Ali não há quem atenda. Os rapazes andam todos nos seus trabalhos e só está em casa o Pirulas, que é o porteiro, mas ele é um cabecinha no ar... E Paço de Arcos. E o Porto—de minha mulher e meu filho. Cada um na marca. Mais o assinante 5307 de Valença do Minho; quanto ao mais, sim senhor. E a assinante 1299. E o Porto. A senhora da Granja também vai na Procissão; veio cá trazer a sua entrada. E Lisboa; é do meu primeiro ordenado. E Lisboa. E Lisboa; antes tinham enfileirado os netos, agora os pais e os avós com 700\$00. Váia família toda. E o Porto. E Coimbra; é o pai que manda os filhos.

E meia dose do Porto. E *Duas Licenciadas* do Porto. Erudição. Ele há muitas opiniões, mas eu cá tenho a minha acerca das licenciadas; é que a mulher aprenda em casa tudo quanto lhe é dado saber e só depois procure saber mais. Valeu? Se nos encontrarmos na procissão, falaremos mais a este respeito. Talvez estas *Duas* sejam dessa marca. E o *Toni*, com uma prestação. E quatro prestações de 20\$00, do Porto. E 100\$00 de Lisboa; é um Médico. E meia dose de Ovar. E mais 75\$00. E Pinhanços, Seia, com a segunda prestação de 100\$00. Há 15 anos, que este Senhor de Pinhanços acompanha a obra e agora quer ir na procissão. Se ela fôsse de opas, bem merecia uma de seda, com maçanetas doiradas. E Lisboa. E Um que se diz incrível: em tempos fui agnóstico. Mas agora não, segundo ele informa. E mais informa que isso deve à leitura do *Gaiato*. Glória a Deus, que de tudo se serve para chamar para Si os que são Seus. Glória a Deus.

Mas este senhor de Lisboa, o ex-agnóstico, diz mais. Falando da procissão, chama-lhe *arrastadíssima a qual de tão arrastada, é a minha vergonha e a de todo o país.*

Eu gosto. Eu gosto que o país se estenda e vá dizendo por si mesmo o que faz e o que é. E a fechar vai um Cónego da Sé da Guarda. Sim senhor. Mais admiração!

Até à data	263.600\$00
Hoje	4.000\$00
	<hr/>
	267.600\$00

Para uma *arrastada*, não é nada mau.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

Tivemos de parar com as obras por algum tempo. A Casa em construção para mais quarenta rapazes, vai já no primeiro andar. E' pena não podermos continuar. São mais quarenta vadios que andam pelas ruas e que podiam vir mais depressa.

Os operários que cá andavam a trabalhar, mortos que ela volte a continuar, porque parte deles não conseguem arranjar trabalho. O forno é que vai andando. Vamos a ver se ele está pronto para as boroas do Natal.

Damos novamente notícias do *Famoso*, visto serem tão boas e agradáveis. Da Administração mandaram-nos desta vez 1500 e parece que se vendem todos.

Vieram no Domingo uns senhores duma Companhia de Seguros e convidaram-nos para irmos lá vender o *Famoso*. Se nós conseguíssemos arranjar mais companhias e empresas, escritórios e casas de comércio, escusávamos de ir vender às igrejas. É uma trapalhada às vezes, com os sacristães e com os polícias. O que nos vale é, às vezes, pagarmos-lhes um copo de três...

O Octávio é quem mais se tem arranjado com o jornal; já conseguiu uma carricana (trotinete,) um carro com pedais; mais bolas e outras coisas. Até o Manuel Marques do Sporting lhe deu uma bola.

Até que enfim que colhemos a azeitona toda. Foi o vento que deitou a maior parte delas abaixo. Eram os rapazes que andavam a apanhá-la, mas como se começou a estragar, tivemos que mandar vir gente de fora. Eram sete homens e mais de trinta mulheres. O olival deu 1489 litros mas não veio todo para casa.

O Grémio do Azeite também nos deu 45 litros.

Graças a Deus estamos providos para um ano e meio!



Depois de muitos pedidos conseguimos levantar as malas vindas do Brasil! Já lá estavam à 4 meses!...

Para mim vinha uma pasta que me faz muito jeito quando vou aos recados a Lisboa. Muito obrigado ao senhor que teve a lembrança de a mandar. Também lá vinha uma bola e algumas pastas para vender o jornal. Já está tudo em serviço.

O Grupo dos Amigos da nossa obra que há dias se formou em Lisboa vai enviar uma circular a alguns estabelecimentos da Capital. Há dois anos foi a firma J. Martins e Ferreira que tomou esta iniciativa com ótimos resultados. Vamos a ver este ano.

Senhores Lisboaetas, é necessário ler a circular e atender o pedido dos nossos Amigos de Lisboa.

UMA CARTA

É do Brasil. É datada do Rio de Janeiro. É a segunda do mesmo senhor, que não diz quem é. Também há ali quem saiba esconder-se!

Esta não é «UMA CARTA», mas outra que lhe escrevo aqui do meu País. Não devo, eu bem sei, tomar o tempo de quem muito tem que fazer, mas não podia ser de outra forma; há entre nós um imenso Oceano e só pela palavra escrita é que poderia dizer-lhe o que fiz.

Quando o sr. publicou «UMA CARTA» no já FAMOSO jornal da Casa do Gaiato, não a li até ao fim porque a emoção me venceu. Parei. Sim Padre Américo, parei porque meus olhos se cobriram de lágrimas. Lágrimas de gratidão que tão bem me fiaram; lágrimas que parece terem aliviado a consciência de quem nada faz, lágrimas ainda de satisfação por ver florir, dia a dia esse maravilhoso Jardim de Recuperação que é a Casa do Gaiato.

E aqui estou hoje para lhe dizer que, por intermédio de uma Agência aqui do Rio, mandei-lhe uma pequena quantidade de açúcar para as rabanadas do NATAL, e ainda por intermédio de um Amigo de Lisboa, uma modesta importância para a tipografia do *Famoso*. Ambas, apesar de pequenas, foram dadas com o coração. Desculpe.

Quanto ao Gaiato continuo recebendo-o regularmente e deliciando-me com os seus exemplos. Quanto mais o leio, mais dou razão ao Avelino: Os outros nada trazem. Sim Padre Américo, nada trazem. De que se recomenda ao nosso espírito a leitura de acidentes, assassinatos, perigos de guerra, quedas de gabinetes etc. etc.? Preocupações?... Mas destas a gente está cheio em nossos afazeres quotidianos. É bem melhor ler o *Famoso*, apreciar as diabruras do Cete, do Bucha, Machado do Caréquita, do Xancaxé, do Fominhas, etc., porque estes ao menos de quando em quando nos dão dignos exemplos, como o Lobo e o Ruy que foram levar piedosamente um pouco do pouco que têm, a uma família que nada tinha, e a quem em tão boa hora souberam socorrer.

Mas desculpe Padre Américo, já estou tomando mais tempo do que devia. Vou terminar com um apelo a todos os portugueses de Portugal, da América, do Brasil, enfim de toda a parte do Mundo, para que contribuam também com um pouco de açúcar para as rabanadas dos gaiatos. Eu como brasileiro, já dou o exemplo, que outros me acompanhem.

Que há aqui que não seja português?!

Agora que sei a procedência do açúcar, como estou contente de o haver distribuído pelos pobres—os maiores benfeitores da Obra! Para eles, o melhor. Aquele era de neve e o que nos vem dos armazénistas, é sujo.

Ao entregar uma porção a um doente de cama, ouvi da sua boca: *ai! que isto é da sua mesa!* E chorou de alegria. Açúcar!

Não era nada da minha mesa; eu não tenho mesa. E' deste Desconhecido a quem a emoção vence. Deste que chora, por lhe parecer que não faz nada;—sinal de que ama divinamente!

A carta inteira é uma declaração de amor. O seu apelo a todos os portugueses, é um transbordar.

PEDRO JOÃO DE SA

CARLOS

ISTO É A CASA DO GAIATO

NÃO sei se os senhores já sabiam e se não, ficam sabendo agora, que nós temos todos os fins de semana sessões regulares de cinema no amplo salão da casa das escolas. O Avelino é o operador oficial. Ao pé, senta-se a dar leis, o que morre pelo tórno mecânico. Ele não podia deixar de estar junto do aparelho.

Ele há-de mexer necessariamente em tudo quanto seja ou tenha aparência de máquinas. O programa semanal é escolhido por nós e enviado pela Casa Alvarez de Lisboa, com quem estamos em boas relações. Dos filmes só temos a dizer bem e há muito por onde escolher. No programa derradeiro, vinha um filme de Acontecimentos. Começa a desdobrar-se na tela e nota-se que são coisas da guerra. Eu estava e deixei ir até ao fim. Nunca o teria posto a andar, como é óbvio, tivesse eu sabido do que se tratava. No mais acedo da guerra, destaca-se de um grupo alguém. Era um dos mais pequeninos. Era um dos *Batalas* que se abraça a mim a tremer de medo. *Eu tenho medo*. Permanece encostadinho ao meu peito, de costas viradas à tela, e não mais olhou para a fita. Sentia-lhe as lágrimas quentes e assustadas, enquanto dizia baixinho — *eu tenho medo*.

Uma excomunhão. Esta criança fulmina a pena e declara excomungados todos quantos no mundo trabalham activamente e injustamente para a guerra.



Isto é Paço de Sousa. Aqui também há cruz e há cirineus. Rapazes no trabalho.

Aonde quer que haja cruz, se ela fôr de Cristo, ha sempre um Cirineu.

Um destes dias estava eu entretido a varrer o escritório quando oiço alguém subir apressadamente as escadas. Era o Melgaço, Melgaço, que andava no recreio, viu-me a varrer e procura interferir. Eu disse que não e agradei. Que me não cansava nada com aquele trabalho. O rapaz escuta sorridente; e como o serviço estivesse quase no fim, êle foi-se embora, não sem me dizer: *Quando for assim chame por nós. Tem aqui 150 rapazes*.

Quem semeia colhe. Esta é a primeira verdade, mas a segunda é maior: só colhe quem semeia.

ABEL e Piólho, foram a Braga vender, com ordem minha para trazerem um pequeno. Este esperava-os em casa da Senhora do Mel. De regresso à estação, junta-se um rafeirito ao grupo. Que cão era aquele? Era um que andava às migalhas e ao qual dava muitas, por muitas vezes, o pequenino das ruas que vinha para Paço de Sousa. Eles eram conhecidos. Na estação entrou o cãozinho, mas quando o revisor se aproxima e o bicho foi descoberto, surge uma dificuldade; a passagem. Esta no dizer do Abel, custava mais do que a deles. O cão ia dentro da saca do Abel, que pediu ao revisor para o deixar ir de graça, por não ter dinheiro. Ele tinha dinheiro. Ele era senhor do produto da venda, que sobe a centenas de escudos, mas declara que não tem dinheiro.

Falou verdade. Deu uma lição. Nós precisamos destas lições. O revisor não se comove e declara ao Abel que se não arranja o dinheiro do bilhete, terá o cão de sair na próxima estação. O rapaz abraça-se ao cão a chorar. Tem dinheiro na algibeira, mas não lhe pertence. E como se não tivesse. As suas lágrimas são eloquentes. São compassivas e são honestas. Mais lições ao mundo que se tem na conta de saber. Senhor, que o Cisco fale; que o Cisco dos caminhos se levante para ensinar e perdoar humildemente! O Abel era das ruas. Anda nos

dezasseis e parece que tem dez anos!!!

Alguém na carruagem, descobre que se trata de gaiatos, e todos se levantam. Uma subscrição. Vai-se fazer uma subscrição. Mas há um senhor que deseja pagar o bilhete em cheio. Os outros dizem que não. Estabelece-se a confusão. O cãozinho sai de dentro da saca do Abel e mete-se debaixo dum banco. Abel desata a chorar mais alto. Tinha-se chegado à estação. O comboio pára e o cão foge!

Este relato ouvi-o da boca de um passageiro. Quanta ternura! Quanta grandeza! Olhos que viram, corações que sentiram, na trivial viagem de Braga ao Porto! Olhos que não de ver, corações que não de sentir esta notícia que aqui se deixa. Gosto da vida. Amo a vida. Quero comunicar a vida.

TAMBÉM há dias cheguei ao Lar do Porto e topei o Cete a fazer carícias; muitas carícias. Era uma cadela pequenina que ele encontrara na rua e trouxera para casa. Todos disseram que sim, só eu é que não. Assim tinha de ser. A nossa obra é de rapazes, disse eu, como quem brinca e dei ordem de colocar no mesmo sitio o pacífico animal. Isto foi num sábado. No dia seguinte, Cete vem a Paço de Sousa passar o domingo e conta-me de como tinha dado cumprimento: *Ela queria vir comigo e eu fugi-lhe*. Tinha lágrimas nos olhos este simpático rapaz! Eu gosto de ver aqui em casa ternura pelos animais domésticos. Eles são os nossos companheiros. Estão integrados na obra da Criação. Não vamos, naturalmente, descer ao ridículo da maternidade para cadelas, como eu já vi na cidade de Lisboa. Não senhor. Mas que o Cete e o Abel choraram por cães que gostariam de fazer seus, isso acho bem.

VEIO um senhor à nossa aldeia e ofereceu-nos uma carada de madeira e que a mandássemos nós buscar. A casa deste senhor dista dezoito quilómetros da nossa. Marcou-se o dia e destinaram-se os rapazes que haviam de ir: O Vieira, o Pastor e por chefe o Arouca. O carro de bois foi aparelhado de véspera. Os rapazes haviam de sair de madrugada e agora aqui é que surge a questão. Falam os professores: Que não. Que a distância é muito grande. Que é uma temeridade mandar três rapazes sósinhos. Que a madeira seca tende a resvalar e é difícil de segurar no carro. E mais e mais e mais.

Ora eu já há muito tempo que descobri, e à maneira que vou caminhando sinto cada vez mais a dificuldade de vencer a rotina. Este caso foi mais uma experiência. E preciso correr todos os riscos e afrontar todas as temeridades.

Os rapazes saíram de manhã com o carro vazio e chegaram à noite com ele carregado de madeira. Não houve azar. Evidentemente que estas coisas fazem-se mediante um raciocínio límpido e equilibrado. Os rapazes são dos dezasseis aos dezoito. O que foi a fazer de chefe é muito seguro. Se o carro se viesse a desmantelar no cami-

nho, teriam eles uma ótima oportunidade de medir as suas forças. Se acontecessem outros perigos, teriam eles mais oportunidades. Se os rapazes da nossa obra sabem fugir e vencer enquanto andam por lá sósinhos, porque não, sendo hoje nossos? Eu cá raciocino assim.

Mais. Nós bem sabemos que não são as ocasiões que fazem o homem, mas revelam-no. Se nós vamos defender estes moços de supostos perigos, como podem eles revelar-se, se o perigo de facto vier? Eis de como Pastor, Arouca e Vieira se regalarão de fazer uma grande viagem entregues a si mesmos; de como governaram trinta mil reis que eu lhes dera para o caminho; de como foram servidos de um saboroso jantar em casa do senhor que deu a madeira; e de como chegaram a casa contentes e palradores! e molhadinhos dos pés à cabeça, da chuva que os apanhara a cinco quilómetros de casa e nunca mais os deixou. Eis de como durante três dias, o assunto da aldeia foi a caminhada de dezoito quilómetros e os bois e a molhada e os trinta mil reisinhos e os rigêlos que eles comeram ao jantar. Vamos que eu tivesse ouvido e mandado um homem com estes três rapazes?! teria sido um dia triste e chovoso. Assim foi um dia chuvoso e brilhante.

Crónica Desportiva

Associação Desportiva de Lousada, 2 Grupo Desportivo da Casa do Gaiato, 2

Com esplêndido tempo e numerosa assistência o jogo vai começar alinhando o nosso grupo da seguinte maneira: Alfredo; Luís, Sérgio e Maximiano; Amadeu e Prata; Jacinto, Armando, Carlos, Cete e Moreira.

O jogo começou às 5 horas em ponto, pertencendo a bola de saída ao adversário e bola fora. É marcado o 1.º livre de canto contra os visitantes, que obriga o seu guarda-linha a defender. O jogo desenvolve-se na área dos visitantes, mas os nossos rematam para fora. Os visitantes estão um pouco mais ao ataque, estes rematam à figura do nosso guarda-linha.

É assim aos 10 minutos de jogo surge o 1.º golo dos visitantes. A bola vai ao centro e o jogo prossegue sem o menor incidente. É bola fora.

A assistência continua chegando e o jogo desenvolve-se a meio campo. É marcado livre contra o adversário que Sérgio executa, a bola vai para Amadeu que passa de cabeça para Carlos e este de cabeça obtém um lindo golo, passando o resultado para 1-1.

Avançada do adversário e defesa do nosso guarda-linha, este põe a bola em jogo, avançada dos nossos que Carlos remata à figura do guarda-linha. Um contra ataque dos visitantes vai para fora, o jogo continua com os grupos empatados. É marcado o 2.º livre de canto contra os visitantes, que um defesa alivia deitando a bola para canto, marcando este e bola fora. Está um jogador adversário prostrado no terreno que sai para fora do campo em braços para receber curativo. O guarda-linha adversário tem defendido com muita segurança. O jogador aleijado volta ao terreno e está prestes a chegar o intervalo. É marcado livre de canto contra o adversário que o guarda-linha defende e assim chega o intervalo com os grupos empatados a 1-1.

2.ª PARTE — O jogo vai de novo começar e os jogadores voltam a ocupar os seus lugares. Já se está jogando, avançada dos nossos e bola fora. O jogo continua com avançadas dos nossos que rematam mas o guarda-linha adversário

defende. O árbitro foi substituído... e o jogo continua.

Aos 10 minutos do segundo tempo é marcado o 2.º golo dos visitantes, passando assim a vencedores por 2-1.

A bola vai ao centro, avançada do adversário que um dos nossos deusas deita para canto, marcado este o nosso guarda-linha defende com segurança. Este põe a bola em jogo. Neste momento os visitantes estão a atacar mais que os nossos, contribuindo para isso a arbitragem.

Avançada dos nossos donde surge o golo do empate por intermédio de Carlos nosso avançado-centro, que passou entre dois defesas e rematou a contar passando o resultado para 2-2 e o jogo continua estando os nossos ao ataque. As avançadas sucedem-se, ora num campo ora noutro. Os visitantes perderam neste momento uma oportunidade de golo, rematam à figura do nosso guarda-linha, que tem estado muito atento.

Ambos grupos lutam pela vitória. Carlos, caminha sozinho para a baliza e é empurrado por um adversário, e o árbitro deixa esta falta em branco. O jogo desenvolve-se na área dos visitantes. O nosso defesa Sérgio dribla três adversários e passa a bola a Jacinto que não chega a tempo e um defesa alivia para fora. O resultado mantém-se 2-2 e o desafio está prestes a terminar. Avançada dos nossos e bola fora, lançada esta que pertence ao adversário, o árbitro dá por terminado o desafio em que os grupos empataram 2-2.

Referências: O nosso grupo merece especial referência o nosso defesa Sérgio e Carlos nosso avançado-centro, quanto aos outros todos jogaram bem.

Ao grupo adversário refiro-me ao seu guarda-linha pois foi o mais destacado do seu grupo, e os restantes jogaram como poderam.

A arbitragem no primeiro tempo foi esplêndida, mas no segundo fraquejou.

É de notar, que à oito dias fomos jogar com o mesmo adversário ao campo deles e perdemos 3-0, notem que lá perdemos e cá empatamos.